ANPEGE

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia

SEÇÃO TEMÁTICA

GEOGRAFIAS NEGRAS



REVISTA DA ANPEGE

ISSN 1679-768X

VOLUME 19

N. 38 (2023)

ANPEGE 30 ANOS

DOI: 10.5418/ra2023.v19i38.15592

REVISTA DA ANPEGE | v. 19 nº. 38 (2023) | e-issn: 1679-768x

GEOGRAFIAS NEGRAS: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO LATINO-AMERICANA (1980 – 2020)

Geografías negras: un análisis de la producción latinoamericana (1980 – 2020)

Black geographies: an analysis of Latin American production (1980 – 2020)

GABRIELA RODRIGUES GOIS

Pontifícia Universidade Católica do Chile

Resumo: Neste texto, discutiremos as Geografias da população negra na América Latina, por meio de uma revisão de literatura de natureza narrativa, considerando trabalhos publicados entre 1980 e 2020, que abordam as questões espaciais e sua relação com o racismo e com as múltiplas vivências da população negra. Os trabalhos analisados compreendem de forma interrelacionada as historicidades e as geograficidades das populações afro-latino-americanas, evidenciando as especificidades de cada lugar e o contexto nacional, considerando processos históricos, sociais, culturais e ecológicos. Ainda, nos convidam a desafiar percepções que congelam as experiências e práticas territoriais negras no tempo e no espaço e que interpretam este último apenas como um cenário em que os fenômenos sociais ocorrem.

Palavras-chave: Geografias Negras, América Latina, Estudos Afro-latino-americanos, Revisão de literatura

Resumen: En este texto discutiremos las Geografías de la población negra en Latinoamérica, a través de una revisión bibliográfica de carácter narrativo, considerando trabajos publicados entre 1980 y 2020, que abordan cuestiones espaciales y su relación con el racismo y las múltiples vivencias de la población negra. Las obras analizadas comprenden de manera interrelacionada las historicidades y geograficidades de las poblaciones afrolatinoamericanas, destacando las especificidades de cada lugar y del contexto nacional, considerando procesos históricos, sociales, culturales y ecológicos. Además, nos invitan a desafiar percepciones que congelan las experiencias y prácticas territoriales negras en el tiempo y en el espacio y que interpretan este último solo como un escenario en el que ocurren fenómenos sociales.

Palabras clave: Geografías negras, Latinoamérica, Estudios afrolatinoamericanos, Revisión de literatura

Abstract: In this text, we discuss the geographies of the Black population in Latin America by conducting a narrative literature review. Our analysis encompasses works published between 1980 and 2020, which examine spatial issues, racism, and the diverse experiences of the Black population. The reviewed works explore the historical and geographical aspects of Afro-Latin American communities, emphasizing the unique characteristics of each location and national context, while considering historical, social, cultural, and ecological processes. Moreover, they challenge fixed perceptions of Black territorial experiences and practices in both time and space, urging us to view them beyond mere backdrops for social phenomena.

Keywords: Black Geographies, Latin America, Afro-Latin American Studies, Literature Review

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca identificar, descrever e analisar parte da literatura interessada nas geografias da população negra na América Latina. Neste texto, quando falamos de geografias, nos referimos tanto às multiplicidades de trajetórias de sujeitos e coletividades afrodescendentes em sua relação com os espaços que constroem, vivem e reivindicam, quanto às análises, abordagens, críticas e reflexões que buscam dar conta dessas relações espaciais, considerando processos históricos, econômicos, políticos,

socioculturais e ambientais. Sendo assim, a noção de espaço que trazemos aqui se refere àquele construído socialmente (MASSEY, 2005), produzido a partir das relações de poder, raciais, econômicas, socioculturais, de gênero, entre outros. Entendemos que este espaço social, ao mesmo tempo em que é produzido e atravessado por violências e dinâmicas de desigualdade as mais diversas, é construído a partir de práticas de resistência, criatividade e inventividade das pessoas que vivem os lugares. Essa ampla compreensão de espaço busca refletir a diversidade das discussões identificadas na literatura e apresentadas neste texto. Nesse sentido, falaremos de cidades, do campo, dos quilombos, das favelas, dos *palenques*, entre outras expressões e experiências espaciais da população afro-latino-americana.

Para construir este trabalho, fizemos uma revisão de literatura de natureza narrativa. Diferente da revisão sistemática, que segue estruturas e critérios mais rígidos para a busca em bases de dados específicas, a revisão narrativa pode se debruçar sobre um conjunto mais amplo e variado de fontes, incluindo artigos, livros, teses e dissertações (Rother, 2007). Com isso, entendemos que a revisão narrativa permite uma abordagem mais aberta, adaptando-se melhor a campos de estudos menos explorados ou com literatura heterogênea, como o caso da temática central deste trabalho. Tendo isso em vista, este tipo de revisão é particularmente útil ao explorar produções que abordam a relação entre as populações negras na América Latina e o espaço social. Esse tema, dada a sua circulação entre diferentes áreas do conhecimento, também requer métodos de revisão que possibilitem a identificação de diferentes perspectivas teóricas, marcos conceituais, debates emergentes na literatura existente, assim como dos recortes espaciais adotados pelos estudos.

Para compor esta revisão narrativa de literatura, adotamos várias estratégias para identificar e acessar os artigos e livros utilizados. Partimos dos escritos de autores reconhecidos tanto na área da Geografia quanto nos estudos afro-latino-americanos, como Peter Wade, Beatriz Nascimento, Muniz Sodré e Karl Offen, que nos forneceram uma base sólida para a pesquisa. Em seguida, iniciamos uma busca mais detalhada em periódicos latino-americanos de Geografia, História, Ciências Sociais e Antropologia encontrados no sistema Latindex[1]. Nas revistas, realizamos uma busca pelas palavras-chave *população negra*, *território*, *espaço* e *região*, tanto em português quanto em espanhol. Por fim, exploramos livros físicos e digitais, além de sessões temáticas de revistas, abrangendo trabalhos que tratam das populações negras na América Latina e suas geografias[2].

Ao mesmo tempo em que sabemos que as espacialidades negras nas Américas remontam aos primeiros povos africanos neste continente e que as preocupações políticas

1 Sistema Regional de Información en línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal.

2 É importante ressaltar que, embora essas estratégias tenham nos permitido obter uma variedade de fontes relevantes para a revisão narrativa, ela também apresenta algumas limitações, especialmente na busca pelos periódicos latino-americanos do sistema Latindex, pois nem todas as publicações relevantes podem estar indexadas nesse sistema. Além disso, sabemos que a busca por palavras específicas pode levar a uma certa seleção de trabalhos que abordam esses termos, deixando de lado estudos importantes que não utilizam exatamente as mesmas palavras-chave.

e intelectuais em torno disso já fossem manifestadas, na primeira e segunda metade do século 20, por intelectuais como Beatriz Nascimento e Abdias Nascimento, observamos que este assunto tem ocupado maior espaço nas produções acadêmicas recentes, particularmente aquelas publicadas ao final do século 20 em diante.

Em razão disso, levantamos como material bibliográfico artigos e livros publicados entre 1980 e 2020. Consideramos referências que podem ser inscritas no campo de estudos afro-latino-americanos e que, ao abordarem as questões espaciais e sua relação com o racismo e com as múltiplas vivências da população negra, poderiam aportar na ampliação do diálogo teórico, empírico e político em torno das Geografias Negras. Embora compreendamos que as trajetórias da população negra nas Américas não começam com a violência escravista colonial e tampouco estão reduzidas ao seu legado na atualidade, uma primeira mirada sobre os materiais consultados nos levou a tomar como caminho de análise uma cronologia que remonta ao período colonial, passando pelo pós-abolição, especificamente a primeira e segunda metade do século 20, e o contexto atual, relacionando os referidos períodos com as questões socioespaciais levantadas pelos autores.

Notas sobre a construção do espaço na América Afro-Latina

Falar de espacialidades negras na América Latina significa lidar com questões sociais, raciais, políticas, econômicas, ecológicas, culturais e até filosóficas. Do ponto de vista ontológico, a capacidade de fazer lugares, de construir e narrar histórias é considerada uma dimensão da constituição da subjetividade. Com a consolidação da modernidade e da colonialidade como formas de conceber o mundo, a si e os outros, esses estatutos ontológicos da espaço-temporalidade foram historicamente negados à população negra (Bledsoe, 2015).

Entendemos que o tráfico transatlântico de escravizados constituiu o primeiro momento de negação da capacidade de existência espacial e temporal do sujeito africano e afrodescendente, considerando que a sua escravização se deu de maneira articulada à negação de sua humanidade e de sua capacidade de ser e estar no mundo (Bledsoe, 2015). Foi a partir deste entendimento que diferentes estratégias foram empregadas com o objetivo de apagar a memória do sujeito negro (Nascimento, A. 2019 [1980]), bem como o seu sentido de lugar.

No entanto, vemos com Katherine McKittrick (2006) que o tráfico transatlântico também revelou a formação de geografias oposicionais que desafiam, ainda hoje, as normativas geográficas que reificam hierarquias e desigualdades socioespaciais. Na América Latina, diante da escravização e desumanização, a população negra construiu espaços de resistência e de vida de maneira articulada com o exercício e coletivização da memória, materializada em práticas e discursos diversos, desafiando visões de mundo que insistem na separabilidade do espaço e tempo, indivíduo e comunidade, sujeito e objeto, natureza e cultura, nós e outros (Sodré, 2002; Escobar, 2008).

Posterior à abolição, as tentativas de negar a espacialidade e a temporalidade da população negra persistiram, assumindo novos contornos e manifestando-se, atualmente, nas diversas formas de segregação residencial nas cidades – as mesmas que foram construídas por meio do trabalho e da vida do sujeito negro (Nascimento, A. 2019 [1980]); na violência contra os terreiros (Sodré, 2002); na violência policial e no encarceramento em massa (Borges, 2018), no racismo ambiental, nos frequentes deslocamentos forçados e despossessões impostas sobre as comunidades negras rurais e urbanas (Jesus, 2020).

Diante disso, os espaços de resistência da população negra continuam adquirindo novas formas. As estratégias de reprodução cultural, territorial e socioeconômica também se diversificam, não se tratando apenas de respostas à violência racista, mas de exercícios de criatividade e produção de conhecimento, inclusive conhecimento espacial. A interação entre esses espaços-tempos não hegemônicos é evidente, por exemplo, na consolidação de comunidades quilombolas, *palenqueras* e *raizales*; na mobilização política e intelectual, nos terreiros e outros territórios que se opõem à lógica da exploração, da subordinação e segregação (Sodré, 2002). Entendendo que as experiências espaciais negras foram primordiais na produção da América Latina enquanto região (Offen, 2018) – como veremos na discussão da próxima seção – vemos que, nas Américas, é impossível desassociar espaços construídos e negritude (McKittrick, 2013).

Experiências espaciais negras na América Latina: revisão narrativa de literatura

A complexidade das experiências espaciais da população negra na América Latina tem mobilizado política e intelectualmente estudiosos inscritos em diferentes áreas de conhecimento e atuação, como Geografia, Antropologia, História e Sociologia. Esta seção traz uma descrição e análise dos estudos que consultamos (Quadro 1). Identificamos diferentes temáticas abordadas acerca das espacialidades negras na América Latina e em momentos distintos da história da região. Parte significativa dos estudos apresenta como recorte territorial Colômbia e Brasil. No entanto, sabemos que isso não significa a inexistência de trabalhos em outros países da região, tampouco que a literatura aqui utilizada esgota o debate sobre as geografias negras dos países estudados.

A discussão que trazemos revela problemáticas que emergem tanto das particularidades de cada lugar – como a mobilidade enquanto estratégia de territorialização dos afrodescendentes que vivem na região do Pacífico colombiano e equatoriano (Olaya, 2015) –, quanto do compartilhamento de experiências, especialmente com relação ao impacto do escravismo colonial na atual estrutura espacial dos países latino-americanos – como a marginalização da população negra e a segregação residencial imposta aos negros no contexto do pós-abolição (Campos, 2010). Grande parte dos estudos consultados busca descrever as espacialidades negras desde o período colonial, posteriormente concentrando-se em recortes temporais específicos em suas análises.

Quadro 1 – Visualização das referências, suas temáticas, recorte espacial estudado e área do conhecimento

Temáticas	Recorte espacial	Referências	Áreas do conhecimento
Relação entre região e raça	Colômbia	Wade (1997); Olaya (2018)	Antropologia
Relação ser humano e natureza	Escala regional	Offen (2018)	Geografia
Segregação urbana	Argentina, Brasil e Uruguai	Sodré (2002; 2019) Campos (2010; 2011), Bolaña (2019), Geler, Yannone e Egido (2020)	Sociologia, Geografia e História
Clubes e associativismos negros	Brasil e Uruguai	Oliveira (2011; 2017)	História
Conflitos e direitos territoriais	Brasil e Equador	Antón (2015); Antón e García (2015); Minda (2002); Bledsoe (2019); Mosquera-Vallejo (2020)	Antropologia, Geografia, Sociologia
Espaços e relações cotidianas	Uruguai	Chagas e Stalla (2019)	História
Territorialização e identidades	Bolívia, Colômbia, Equador,	Rueda (2001); Olaya (2015) Mosquera-Vallejo (2018); Reyes (2020)	História Antropologia, Geografia
Relação entre gênero, raça, classe e espaço	Brasil Colômbia	Machado e Ratts, (2017); Sinisterra (2020)	Geografia História
Formação territorial e configuração espacial das comunidades negras	Brasil Colômbia	Anjos (2011), Restrepo (2016)	Geografia, Antropologia
Raízes africanas das comunidades negras rurais	Brasil	Nascimento, B. (1985), Anjos (2018)	História Geografia

Fonte: Elaboração própria.

Considerando o período colonial e de pós-independência de diferentes territórios da América Latina, identificamos estudos que abordam a importância da natureza e das paisagens culturais nas experiências vividas da população negra (Offen, 2018) e as relações étnico-raciais na conformação de territórios negros (Rueda, 2001). Outros trabalhos buscam entender os padrões de assentamento e as configurações espaciais da população negra livre e escravizada (Anjos, 2011; Restrepo, 2016), os processos de racialização do espaço (Wade, 1997) e as rupturas e continuidades das tradições africanas nas práticas espaciais da população negra (Nascimento, B. 1985; Anjos, 2018).

Estudando os antigos quilombos no Brasil, Beatriz Nascimento reconhece a relação estreita entre território, paisagem físico-ambiental e dinâmicas socioeconômicas com a onipresença dos povos de matriz africana no país e a diversidade de estratégias adotadas pelos quilombos no enfrentamento ao escravismo colonial (Nascimento, B. 1985;). Karl Offen – no campo da geografia –, ao abordar a relação entre o meio ambiente, espaço e

lugar durante o período colonial, fala sobre a importância das práticas espaciais da população africana e afrodescendente tanto na constituição de suas próprias experiências quanto na construção da América Latina e de seu desenvolvimento histórico, por meio das percepções, apreensões e transformações da natureza (Offen, 2018).

Além das especificidades histórico-geográficas, vemos, a partir das discussões realizadas por esses autores, que a constituição de alguns espaços negros não estava desassociada das práticas de exploração da natureza empregadas pela economia colonial. No contexto colombiano, por exemplo, a mineração influenciou as formas de assentamento das populações escravizadas e livres (Restrepo, 2016). O antropólogo Eduardo Restrepo, no texto intitulado "Espacialidades afrodescendientes en el Pacífico colombiano", discute a maneira como os padrões de assentamento da população negra ocorriam em função da mineração, importante atividade econômica no século 19 e que marcou a configuração espacial do Pacífico colombiano. Esses territórios negros se expandiram de forma significativa depois da abolição; e a população negra – desenvolvendo atividades produtivas diversas como a mineração, agricultura e pesca –, constituiu a maioria demográfica da região do Pacífico.

É interessante notar a forma como outros estudiosos, como a historiadora Beatriz Nascimento e o geógrafo Rafael Araújo Sanzio dos Anjos – ambos focados nas comunidades quilombolas – também identificam a relação entre a espacialização dos antigos quilombos e os diferentes ciclos econômicos do Brasil. Neste país, os ciclos do açúcar, da mineração, do gado, entre outros, influenciaram a demografia da população africana e afrodescendente em diferentes regiões brasileiras, o que explica, parcialmente, a atual onipresença das comunidades quilombolas no território nacional (Anjos, 2011). Contudo, é importante dizer que isso não significa que na América Latina a exploração colonial determinou as dinâmicas dos espaços negros, mas que as comunidades negras se territorializaram considerando as condições estruturais e econômicas do entorno (Nascimento, B. 1985), bem como a sua relação com o ambiente físico-natural e com os povos originários (Rueda, 2001).

Com base nisso, um dos pontos que consideramos interessante ressaltar nesses estudos é a compreensão das experiências espaciais negras não de maneira isolada, mas em interação com os fatores sociais, econômicos, políticos e culturais de um contexto mais amplo. Ou seja, para interagirmos com essas espacialidades em sua complexidade, precisamos também dar conta de questões como a escravidão, os sistemas coloniais de dominação racial, a *plantation* enquanto estrutura espacial dominante (Offen, 2018) e as relações étnico-raciais, especialmente a afro-indígena (Rueda, 2001).

Tendo em vista as devidas proporções históricas de cada território, compreendemos que as dinâmicas socioespaciais do pós-abolição na América Latina foram marcadas, simultaneamente, pelo aumento da marginalização das populações negras (Campos, 2010; Nascimento, A. 2019 [1980]) e por uma maior consolidação de suas redes materiais e simbólicas na construção de espaços de vida (Escobar, 2008; Restrepo, 2016). Considerando este contexto, identificamos estudos que se debruçaram sobre a questão da periferização da população negra, assim como a formação e criminalização das

favelas (Campos, 2010); a segregação residencial imposta à população negra (Bolaña, 2019; Geler, Yannone e Egido, 2020); os processos de regionalização e sua relação com raça e racismo (Wade, 1997; Olaya, 2018); a formação de associações e clubes negros (Oliveira, 2011; 2017) e a construção de espaços cotidianos e formas de sociabilidades (Chagas e Stalla, 2019).

A antropóloga Yesenia Olaya analisa a regionalização da Colômbia, comentando que esse processo não ocorreu apenas a partir da diversidade físico-natural do país, mas pelo estabelecimento de supostas diferenças culturais, biológicas e raciais mobilizadas na construção, reconhecimento e na atribuição de sentido valorativo às identidades da população colombiana (Olaya, 2018). Segundo a autora, a raça e o racismo como construções sociais desempenharam um papel significativo, tanto no processo de regionalização quanto na assimilação dessa diferenciação regional pela população. Um dos efeitos disso foi o entendimento popular de que a região do Pacífico – cuja maioria demográfica é negra – é uma região pobre e habitada por pessoas preguiçosas. Para Olaya (2018), os imaginários construídos em torno do Pacífico e das pessoas que nele habitam contribuíram em larga medida para a imposição de uma "geografia do terror" (Oslender, 2008) sobre essa região e sobre a população afro-colombiana como um todo (Olaya, 2018).

No contexto brasileiro, o geógrafo Andrelino de Oliveira Campos, em seu livro *"Do Quilombo à Favela: a produção do 'espaço criminalizado' no Rio de Janeiro"*, estuda a segregação espacial associada às práticas e discursos de higienização das cidades que, junto com a estigmatização racial, conduzem à criminalização de lugares construídos e habitados majoritariamente pela população negra, como as favelas do Rio de Janeiro (Campos, 2010). Neste contexto social, histórico e geográfico de "espacialização da diferença" que determina o "onde" da raça (McKittrick, 2006), Campos (2011) também reconhece o papel ativo da população pobre e marginalizada – que é majoritariamente negra – na história socioespacial das cidades.

> essalta-se o ativismo de negros (as) ao longo da história brasileira que vem, ao longo da história sócio-espacial urbana, destacando-se no âmbito dos movimentos sociais pela longevidade das suas atividades, deixando de ser apenas um conjunto de pessoas para se tornar projeto de mudança da sociedade brasileira (campos, 2011, p. 30 – 31).

A luta por direitos de cidadania foi um dos aspectos que definiram o período pós-abolição para a população negra na América Latina (Sodré, 2002; Oliveira, 2017; Chagas e Stalla, 2019). Como nos lembra Muniz Sodré, "para todo e qualquer indivíduo da chamada 'periferia colonizada' do mundo, a redefinição da cidadania passa necessariamente pelo remanejamento do espaço territorial e todo o alcance dessa expressão" (Sodré, 2002, p. 20). Se levamos em consideração a formação de geografias ou práticas espaciais oposicionais (Mckittrick, 2006), vemos como os discursos e práticas das populações negras na região desafiaram a narrativa de que os negros, depois da escravidão, se encontraram abandonados à própria sorte (Oliveira, 2017), destituídos de cultura, história, espacialidade e de vida política.

Em *O terreiro e a cidade,* Muniz Sodré (2002) analisa, entre diferentes questões espaciais, a construção de cidades brasileiras e os processos de segregação ao final do

século 19 e início do século 20. Sodré nos leva a refletir que, logo após a abolição da escravidão, a produção do espaço brasileiro atendeu a necessidade de reforçar as diferenças entre a população branca e não branca do país, já que a hierarquia "naturalmente" estabelecida entre negros e brancos – ou as categorias normativas entre "escravos", "livres" e "libertos" – haviam oficialmente desaparecido. Por outro lado, os espaços construídos pelas populações negras, especialmente os terreiros e quilombos, se apresentavam como uma contraposição à segregação, já que acolhiam os sujeitos marginalizados. Para Sodré (2002), após a abolição, as comunidades negras, por meio do terreiro, fortaleceram suas redes materiais e simbólicas, assim como suas estratégias de reprodução socioeconômica e cultural. Muniz Sodré e Andrelino de Oliveira Campos formam parte de um amplo segmento de intelectuais comprometidos com identificar, descrever, analisar e denunciar os legados da escravidão colonial no Brasil. Esses intelectuais e ativistas tem buscado mostrar que a segregação racial e espacial no país, mesmo ausente na letra da lei (Fischer, Grinberg e Mattos, 2018), acentua as desigualdades sociais, econômicas e territoriais, de forma que a maioria da população afetada é negra e pobre.

Avançando na reflexão sobre a formação de geografias oposicionais no pós-abolição, o estudo elaborado pelas historiadoras Karla Chagas e Natalia Stalla mostra a construção de espaços de vida cotidiana como forma de enfrentamento ao racismo e à discriminação que se manifestavam nos lugares no contexto uruguaio. Como exemplos, as autoras mencionam as articulações em vizinhanças e relações de compadrio nos bairros periféricos de Montevidéu e nos chamados *conventillos*; e a apropriação de alguns lugares do centro da cidade para atividades culturais e recreativas (Chagas e Stalla, 2019). As autoras também comentam sobre a importância dos espaços de relações cotidianas durante a escravização, como os espaços privados, as *cofradías*, as *salas de nación* e os encontros em pequenos estabelecimentos (*pulperías*).

Já a historiadora brasileira Fernanda Oliveira vem estudando, ao longo de 14 anos, as práticas de associativismo e a formação de Clubes Negros no extremo sul do Brasil e na fronteira Brasil - Uruguai, entre os séculos 19 e primeira metade do século 20, trazendo em suas discussões o pós-abolição como um problema histórico a ser pensado para além das demarcações cronológicas (Oliveira, 2011; 2017). Segundo a autora, os Clubes Negros, para além de uma resposta às segregações espaciais impostas pela branquitude, são espaços formadores de identidade e de luta por cidadania que atribuem "densidade histórica à experiência de racialização vivenciada no pós-abolição" (Oliveira, 2017, p. 21).

Aproveitando as reflexões dessas historiadoras, também podemos pensar esses espaços negros e sua densidade política como lugares de encontro entre múltiplas trajetórias. Nesse sentido, são resultados de interações diversas que negociam, convergem, divergem e se cruzam, conformando possibilidades de novas relações, trajetórias e projetos. Ou seja, são espaços em constante construção, que, em sua relacionalidade, concebem uma abertura para futuros diversos, considerando aspectos políticos, socioeconômicos e culturais (Massey, 2005). Sendo assim, vemos que essas e outras articulações negras se transformaram e persistiram no espaço e no tempo, constituindo as bases para diferentes formas de mobilização negra contemporânea (Paschel, 2018). Para

Tianna Paschel, parte significativa das atuais mobilizações políticas afrodescendentes na América Latina tem suas raízes nas articulações negras durante o período colonial. No Brasil, conseguimos visualizar a maneira como as resistências quilombolas foram importantes na formação da identidade política afro-brasileira, inspirando a estruturação dos movimentos negros (Nascimento, B. 1985; Nascimento, A. 2019 [1980]). Igualmente, observamos o impacto que os movimentos afro-brasileiros vêm exercendo em transformações sociais e políticas na América Latina, inspirando a articulação de novos movimentos negros na região.

O final do século 20 e início do século 21, pode ser compreendido, então, a partir da ampliação das mobilizações afrodescendentes e dos recentes reconhecimentos, no campo político institucional, de problemas estruturais enfrentados pela população negra, como a questão territorial, as desigualdades socioeconômicas, a segregação residencial, a violência racial e de gênero, entre outros. Frente a este cenário, os estudos têm se dedicado a pensar os conflitos territoriais vivenciados pelas comunidades negras (Minda, 2002; Antón, 2015; Bledsoe, 2019; Mosquera-Vallejo, 2020); as desterritorializações impostas a essa população e suas diversas estratégias de territorialização (Olaya, 2015; Mosquera-Vallejo, 2018; Reyes, 2020) e as experiências de mulheres negras nos espaços urbanos e sua relação com a questão do direito à cidade (Machado e Ratts, 2017; Sinisterra, 2020).

A questão territorial tem se constituído como tema caro aos povos de matriz africana nas Américas (Anjos, 2018). Na Colômbia, o geógrafo Yilver Mosquera-Vallejo tem estudado as territorializações das comunidades negras do Valle del Patía, considerando as relações que elas estabelecem entre si, com o espaço em que vivem e os conflitos com atores diversos, como a população *blanca/mestiza* e o próprio Estado – que levaram adiante modelos de produção na região que resultaram na desterritorialização dos afrodescendentes (Mosquera-Vallejo, 2018). Considerando as dimensões e conflitos étnico-raciais neste processo, o geógrafo também analisou os impactos de empreendimentos de mineração e pecuária intensiva sobre os territórios construídos e reivindicados pelas comunidades afro-colombianas, bem como suas estratégias de reterritorialização diante deste cenário, compreendido pelo autor como práticas de re-existências (Mosquera-Vallejo, 2020). John Antón Sánchez e Fernando García Serrano discutem a pressão enfrentada pelas comunidades negras rurais no norte de Esmeraldas, Equador, sobre seus territórios. Segundo os autores, ao mesmo tempo em que o Equador preconiza um modelo de estado multiétnico, os territórios negros têm sofrido cada vez mais com os avanços de capitais vinculados às industrias extrativistas e agroindustriais. Por outro lado, os autores comentam que a articulação política entre as comunidades negras camponesas tem sido fundamental na luta pelo direito ao território (Antón e García, 2015).

As investigações de Mosquera-Vallejo (2018; 2020), Antón e García (2015) e dos autores anteriormente mencionados revelam como as práticas de resistência da população negra diante do racismo em sua dimensão estrutural, institucional e cotidiana (Kilomba, 2019) – reproduzido por meio da produção do espaço social –, estão estreitamente vinculadas às práticas criativas na construção de espaços de vida. Nas cidades,

as mulheres negras têm sido protagonistas em inventividade e criatividade na construção de espaços contra hegemônicos (Franco, 2017). A historiadora Lizeth Sinisterra Ossa analisa como o racismo, o sexismo e as desigualdades socioeconômicas impactam a vida de mulheres afro-colombianas na cidade de Buenaventura, a partir da privação de moradia digna e saneamento, educação, oportunidades de trabalho, participação cidadã na construção da cidade, sem mencionar os crescentes casos de violência sexual e feminicídio (Sinisterra, 2020). Diante disso, a autora também visibiliza as respostas coletivas das mulheres negras em sua busca por direito à cidade e à vida. Essas respostas, segundo a autora, se articulam em organização social e institucional, no fortalecimento de laços de solidariedade e na construção de espaços de diálogo e de produção artística (Sinisterra, 2020). Para a autora, as mulheres negras de Buenaventura "desde la segregación y exclusión social, desarrollan unas 'geografías de oposición', resistencias y re-significación de las realidades que viven" (Sinisterra, 2020: 371).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão de literatura elaborada neste trabalho tratou de apresentar as Geografias da população negra na América a partir de uma revisão de literatura. É importante dizer que trazer as relações socioespaciais como uma questão relevante não implica em uma secundarização das questões de raça, gênero e classe, tampouco dos fatores históricos. Significa pensar a interação desses e de outros aspectos no processo de produção do espaço por meio de nossas relações sociais. É neste espírito que os trabalhos mencionados neste texto buscam compreender de forma interrelacionada as historicidades e as geograficidades das populações afro-latino-americanas, evidenciando as especificidades de cada lugar e o contexto nacional, considerando processos históricos, sociais, culturais e até mesmo ecológicos. Ainda, nos convidam a desafiar percepções que congelam as experiências e práticas territoriais negras no tempo e no espaço e que interpretam este último apenas como um cenário em que os fenômenos sociais ocorrem.

Os estudos analisados lançam mão de diferentes categorias de análise com o objetivo de dar conta da complexidade que caracteriza as espacialidades negras na América Latina. Por isso, entre os avanços possíveis que identificamos para este trabalho, destacamos a pertinência de uma discussão que leve em conta as abordagens teórico-conceituais utilizadas nas análises. Além disso, trazemos a necessidade de abordar e levar a sério as mobilizações políticas afrodescendentes que reivindicam lugares, a terra e o território como elementos de reparação histórica, reconhecendo também a importância política e epistemológica dessas mobilizações para o avanço das Geografias Negras.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, G. R; DE LA FUENTE, A. **Estudios afrolatinoamericanos:** una introducción. Buenos Aires/Argentina: CLACSO, 2018.

ANJOS, R. S. A. dos. Cartografia da diáspora África-Brasil. **Revista da Anpege**, *[s.l.],* v. 07, n. 01, p. 261–274, 2011. DOI: https://doi.org/10.5418/RA2011.0701.0022.

ANJOS, R. S. A. dos. Cartografia étnica: territorialidade quilombola. **Geobaobás**, *[s.l.],* v. 1, n. 2, p. 1-67, 2018. DOI: https://doi.org/10.26512/geobaobas.v2i1.4517.

ANTÓN, J. S. **El derecho al territorio ancestral afroecuatoriano en el norte de Esmeraldas.** Quito/Ecuador: Instituto de Altos Estudios Nacionales, 2015.

ANTÓN, J. H; GARCÍA, F. La presión sobre el derecho al territorio ancestral del pueblo afroecuatoriano. El caso de la Federación de Comunidades Negras del Alto San Lorenzo. **Revista Colombiana de Sociología**, *[s.l.],* v. 38, n. 1, p. 107-144, 2015. DOI: http://dx.doi.org/10.15446/rcs.v38n1.53280.

BLEDSOE, A. The Negation and Reassertion of Black Geographies in Brazil. **ACME: An International Journal for Critical Geographies**, v. 14 n. 1, p, 324-343, 2015.

BLEDSOE, A. Afro-Brazilian Resistance to Extractivism in the Bay of Aratu, **Annals of the American Association of Geographers**, v. 109, n. 2, p. 492-501, 2019. DOI: http://DOI: 10.1080/24694452.2018.1506694 .

BOLAÑA, M. J. Racismo, vivienda y segregación urbana (1890-2017). *In:* FREGA, A.; DUFFAU, N.; CHAGAS, K.; STALLA, N. (org.). **Historia de la población africana y afrodescendiente en Uruguay**. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, 2019. p. 183-189.

BORGES, J. **O que é encarceramento em massa**. Belo Horizonte/MG: Letramento, 2018.

BUENO, W; BURIGO, J; PINHEIRO-MACHADO, R; SOLANO, E. (org.) **Tem saída***?* Ensaios críticos sobre o Brasil. Porto Alegre/RS: Editora Zouk, 2017.

CAMPOS, A. de O. **O planejamento urbano e a "invisibilidade" dos afrodescendentes**: discriminação étnico-racial, intervenção estatal e segregação socioespacial na cidade do Rio de Janeiro.. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Lopes de Souza. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2006.

CAMPOS, A. de O. **Do quilombo à favela: a produção do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro/RJ: Editora Bertrand, 2010.

CAMPOS, A. de O. As particularidades na formação de sujeitos na história sócio-espacial brasileira: Algumas considerações sobre o Movimento Negro. **Geografares**, *[s.l.],* v.1, n.1, p. 29–48, 2011. DOI: https://doi.org/10.7147/GEO9.1301.

CHAGAS, K. STALLA, N. Vida cotidiana, sociabilidad y expresiones culturales de la población afrodescendiente (siglos xviii a xxi). *In:* FREGA, A.; DUFFAU, N.; CHAGAS, K.; STALLA, N. (org.). **Historia de la población africana y afrodescendiente en Uruguay**. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, 2019. p. 190-213.

ESCOBAR, A. **Territories of Difference***:* Place, Movements, Life, Redes. Durham/North Carolina/ USA: Duke University Press, 2008.

FISCHER, B., GRINBER, K., & MATTOS, H. Las leyes, el silencio y las desigualdades racializadas en la historia afrobrasileña. *In:* ANDREWS, G. R; DE LA FUENTE, A. **Estudios afrolatinoamericanos:** una introducción. Buenos Aires/Argentina: CLACSO, 2018. p. 163 – 218.

FRANCO, M. A emergência da vida para superar o anestesiamento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada. *In:* BUENO, W; BURIGO, J; PINHEIRO-MACHADO, R; SOLANO, E. (org.) **Tem saída***?* Ensaios críticos sobre o Brasil. Porto Alegre/RS: Editora Zouk, 2017. p. 89 – 95.

FREGA, A.; DUFFAU, N.; CHAGAS, K.; STALLA, N. (org.). **Historia de la población africana y afrodescendiente en Uruguay**. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, 2019. p

GELER, L., YANNONE, C., & EGIDO, A. Afroargentinos de Buenos Aires en el siglo XX. El proceso de suburbanización. **Quinto Sol Revista de Historia**, v. 24, n. 3, p. 1–27, 2020. DOI: https://doi.org/10.19137/qs.v24i3.4124.

JESUS, V. Racializando o olhar (sociológico) sobre a saúde ambiental em saneamento da população negra: Um continuum colonial chamado racismo ambiental. **Saúde e Sociedade**, v. 29, n. 2, p. 1 – 15, 2020.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**. Rio de Janeiro/RJ: Cobogó, 2019.

MACHADO, T. C., & RATTS, A. J. P. (2017). As Mulheres e a Rua: Entre o Medo e as Apropriações Feministas da Cidade de Goiânia, Goiás. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v.8, n.1 194–213. DOI: https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.8.i1.0012

MASSEY, D. **For Space**. London/UK: SAGE, 2005.

MCKITTRICK, K. **Demonic grounds**: Black women and the cartographies of struggle. Mineápolis/ Minessota: University of Minnesota Press, 2006.

MCKITTRICK, K. Plantation Futures. **Small Axe** v. 17 n. 3, p. 1–15, 2013.

MINDA, P. **Identidad y Conflicto:** Lucha por la Tierra en el Norte de Esmeraldas Quito/Ecuador: Editorial Abya-Ayala, 2002.

MOSQUERA-VALLEJO, Y. Escalas geográficas e identidades territoriales: trayectorias desde las comunidades negras del valle del Patía. **Geographia Meridionalis**, v. 4, n. 2, p. 126-144, 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.15210/gm.v4i2.14484

MOSQUERA-VALLEJO, Y. Territorios de la negridad en Colombia: De las expoliaciones, extrahecciones a las re-existencias en el valle del Patía. **Revista de geografía Norte Grande**, v. 76, p. 9 – 29, 2020. DOI: https://dx.doi.org/10.4067/S0718-34022020000200009.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo**. São Paulo/SP: Editora Perspectiva S/A, 2019. (Originalmente publicado em 1980).

NASCIMENTO, B. O Conceito de Quilombola e a Resistência Afro-Brasileira. **Afrodiáspora**, *[s.l.],* v. 6 n. 7, p. 41–49, 1985.

OFFEN, K. Meio ambiente, espaço e lugar: geografias culturais da América Afro-Latina colonial. *In:* ANDREWS, G. R; DE LA FUENTE, A. **Estudios afrolatinoamericanos***:* una introducción. Buenos Aires: CLACSO, 2018. p. 557 – 610.

OLAYA, A. Y. R. La frontera Colombia-Ecuador: estrategias de asentamiento y movilidad de las comunidades afrocolombianas **Revista nuestrAmérica**, *[s.l.],* v. 3, n. 6, p. 98-113, 2015.

OLAYA. A.Y.R. Discursos y representaciones racistas hacia la Región Pacífico y comunidades Afrocolombianas. *In:* SEPTIEN, R. (Ed.), **Afrodescendencias:** Voces en resistencia. Buenos aires/Argentina: CLACSO, 2018. p. 289 – 308.

OSLENDER, U. "Geografías del terror": un marco de análisis para el estudio del terror. ***Scripta Nova:* Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. XII, n. 270, 2008.

PASCHEL, T. Repensando la movilización de los afrodescendientes en América Latina. *In:* ANDREWS, G. R; DE LA FUENTE, A. **Estudios afrolatinoamericanos:** una introducción. Buenos Aires/Argentina: CLACSO, 2018. p. 269 – 315.

PIRES, A. L. C. S.; GOMES, F.S.; MARTÍNEZ, A. A. R. (org.), **Territórios de gente negra:** processos, transformações e adaptações: ensaios sobre Colômbia e Brasil. Cruz das Almas/BA: Editora da UFRB, 2016

RESTREPO, R. Espacialidades afrodescendientes en el Pacífico colombiano*. In:* PIRES, A. L. C. S.; GOMES, F.S.; MARTÍNEZ, A. A. R. (org.), **Territórios de gente negra:** processos, transformações e adaptações: ensaios sobre Colômbia e Brasil. Cruz das Almas/BA: Editora da UFRB, 2016. p. 189-213.

REYES, L. E. Território existencial afroboliviano ou uma concepção Tocañera da Pachamama. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/As Negros/As (ABPN***)*, v. 12, n. 34, p. 418-434, 2020.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x Revisão Narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v–vi, abr. 2007. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001

RUEDA, R. **Zambaje y Autonomía. Historia de la gente negra de la provincia de Esmeraldas.** Siglos XVI-XVII. Quito/Ecuador: Editora Abya-Yala, 2001.

SEPTIEN, R. (Ed.), **Afrodescendencias:** Voces en resistencia. Buenos aires/Argentina: CLACSO, 2018.

SILVA, F. O. da. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços**: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943). Orientador: Prof.ª Dr.ª Margaret Marchiori Bakos. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2011.

SILVA, F. O. da. **As lutas políticas nos clubes negros**: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no pós-abolição (1870-1960). Orientador: Prof.ª Dr.ª Susana Bleil de Souza. 2017. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2017.

SILVA, F. O.; SÁ, J. R.; GOMES, L. da C.; ROSA, M. V. de F.; PERUSSATTO, M. K.; SILVA, S. C. A.; SANTOS, S. dos. **Pessoas comuns, histórias incríveis:** a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense. Porto Alegre/RS: Ed. UFRGS; EST Edições, 2017. 112p.

SINISTERRA, L. O. Espacio, Género y Raza: estrategias espaciales de resistencia afro-femenina en Colombia. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/As Negros/As (ABPN)**, v. 12, n. 34, p. 358-378, 2020.

SODRÉ, M. **O Terreiro e a Cidade:** A forma social Negro-brasileira. Rio de Janeiro/RJ: Imago, 2002.

WADE, P. **Gente negra. Nación mestiza.** Dinámicas de las identidades raciales en Colombia. Bogotá/Colombia: Editora Uniandes, 1997.

SOBRE A AUTORA

GABRIELA RODRIGUES GOIS – Doutoranda em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica do Chile, Mestre em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Geógrafa pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Atualmente, é integrante dos grupos de pesquisa Estudos Agrários e Ambientais (UFPel) e ESCOPOS: Espaços, Conhecimentos, Corpos. Pesquisa nas áreas de Geografia Humana e Desenvolvimento Rural, atuando, principalmente, nos seguintes temas: abordagens teóricas e metodológicas sobre os conceitos de espaço e território, geografias negras, espaço e racismo, comunidades quilombolas, agricultura familiar, sistemas agrários e habitação rural.

E-mail: gabriela.grg@gmail.com

.